

O Mendigo

Daniel Cavalcante

O SR. RUSCIOLELI perambulava pelo centro de São Paulo após o almoço, terno e gravata, sapatos rigorosamente engraxados e cabelos bem tratados; quando pára em uma banca para comprar seu jornal, leitura obrigatória para um homem de negócios como ele. Ele prossegue seu percurso diário pelo Calçadão e, depois de uma boa caminhada, chega em frente à Igreja da República, onde se vira e desce pela escadaria do Metrô da República. Passa em frente a um mendigo que dialogava com a lixeira. O Sr. Ruscioleli olhou com desprezo para o maltrapilho que cheirava mal e de cabelos crespos e duros. Parecendo não notar a passagem do Sr. Ruscioleli, que seguiu para o embarque sentido Sé, o mendigo continuava animadamente seu discurso com a prateada caixa de lixo, gesticulando e persuadindo seu interlocutor. Suas roupas eram tão velhas que passavam a idéia de que se fossem tocadas desmanchariam. O homem era de cor escura, mas parecia que uma porcentagem de seu tom escuro era provocada pela sujeira acumulada durante os anos que passara sem saber o que é um banho. Eventualmente entrava no Espelho D'água no Metrô Sé, mas, como é de se presumir, a sujeira acumulada era apenas amolecida na água, já que o mendigo não possuía nada com que se esfregar.

Era um mendigo como outro qualquer. Nada havia nele de peculiar ou ímpar que o diferenciasse dos demais. Para olhos de pessoas bem aventuradas que possuem lar e comida, os mendigos são sempre iguais: barba, cabelo duro, roupas velhas e sujas, o fedor pestilento, sapatos gastos, provavelmente encontrados nos lixo. São todos assim, como sugere a palavra que os denomina. Mas naquele homem havia algo, nada físico, talvez algo atmosférico, que causava uma enorme repulsa, muito maior que qualquer outro mendigo humano. Havia nele um olhar maníaco e inquietante, uma expressão lunática, como que um alienado aguardando um momento que jamais chegaria; sua voz era gutural, um rugido quase pré-histórico. Cambaleava curvado, balançando de um lado para o outro, com pernas desengonçadas e estranhamente curtas.

Aquele mendigo subiu a mesma escadaria que o Sr. Ruscioleli desceu e foi até onde havia “estacionado” seu carrinho de madeira, que é usado para recolher lixo aproveitável e trocar por algum dinheiro, moedas suficientes para uma caipirinha no fim da tarde. Puxou o carrinho, da mesma forma que cavalos puxam a carroça. Levou-o até o lugar onde iria dormir aquela noite. Nunca dormia no mesmo lugar duas vezes. Deixou ali o carrinho e foi verificar o lixo das ruas em busca de jornal para aquece-lo aquela noite.

Nenhum dos mendigos e moradores de rua, em todos os lugares onde o homem dormiu e perambulou, sabia de onde tinha vindo ou para onde ia, nem mesmo seu nome. No entanto, muitos puderam ouvi-lo falar sozinho ou com objetos. Alguns chegaram a falar com ele, mas a resposta se limitava a palavras desconexas e idéias dispersas.

Outros, em ocasiões mais raras, testemunhavam comportamentos mais inusitados, como uma ocasião em que parecia falar em uma língua estranha.

Juntando alguns jornais na praça onde iria passar a noite, uma esmoleira das redondezas, que morava naquelas ruas há anos, se aproximou do homem para se certificar de quem se tratava. Chamou-lhe a atenção de modo não muito educado, como é de se esperar. O homem pareceu não ouvir e continuou na sua tarefa, conversando consigo mesmo. A mulher chamou-o novamente e não obteve sucesso. Foi quando ela investiu pela terceira vez, cutucando-lhe o ombro, que o homem virou-se para ela e olhou-a fixamente pelo canto dos olhos. Sua fisionomia agora era a de um demente, se encarada por muito tempo. A imagem de mendigo escondia uma face oculta, uma face muito longe de louco indigente. Uma face sombria e monstruosa. Ao mesmo tempo, algo muito distante, quase impossível de decifrar. Aos poucos, a esmoleira perdeu a concentração e a imagem negra do homem se perdera em sua mente. Agora era apenas um mendigo que se irritara e se voltava novamente para sua ocupação anterior, falando sozinho, debilitado por alguma razão, pois não podia se curvar sem um grande esforço, e parecia mancar sensivelmente da perna direita. Todos que passavam ali viam nele um homem cansado de suas jornadas e com sérios problemas de coluna. Era notório, após a simples tarefa de recolher jornais, que se cansara muito mais que um sedentário após percorrer a Avenida Paulista.

Colocou seus jornais jeitosamente no local que escolhera para dormir e saiu novamente em busca de comida. Seus pertences estavam bem protegidos contra qualquer um intencionado a levar-lhe o carrinho de madeira podre, os jornais rasgados, as latas vazias de óleo e refrigerante e diversas bugigangas difíceis de identificar.

Seguiu pela praça da Sé, estendendo as mãos horripilantemente sujas, pedindo esmola. Moças passavam, comentando:

- Esse é o mendigo mais horrível que já vi.
- E o mais fedorento também.

Um grupo de vendedores de churrasco observava com certa curiosidade o bizarro em pessoa caminhar pela praça, emprestando feiura ao centro de São Paulo. Um deles jogou uma moeda perto do mendigo. Esse, ao ouvir o barulho, correu desesperado atrás da moeda que rolava rumo ao bueiro. Atirando-se, tentou interromper o percurso determinado da moeda. Já caído no chão, esticou seu braço o máximo que pode e conseguiu salvar sua esmola preciosa. Um sorriso disforme esboçou-se em seu rosto imundo, denunciando dentes apodrecidos e negros. A felicidade serviu de anestesia para as feridas que se abriram ao se jogar no asfalto. Levantou a cabeça para apreciar a imagem da valiosa moeda. O que veio em seguida foi uma decepção, seguida de fúria, vergonha, e frustração, ao ver que se tratava de uma moeda de um centavo. Os vendedores de churrasco riam da humilhação que presenciaram e voltaram aos espetos de carne magra, que cheirava mais à fumaça que comida.

Cabiscaída, a criatura aberrante guardou a moeda sem valor no bolso, deu alguns passos, mancando um pouco mais, com joelho e cotovelo direitos ralados.

Se afastou dos zombeteiros e se aproximou de um amontoado de gente que observava um homem, também maltrapilho, que fazia mágicas. Alguns colocavam dinheiro no chapéu do mágico. O horrendo mendigo, vendo que ali se dava esmolas, se meteu entre as pessoas que formavam a roda, estendendo a mão. Alguns se irritaram e o empurravam de um lado para outro, até que foi jogado para o centro da roda. Um senhor muito bem vestido estava prestes a colocar uma nota dez reais para o mágico, quando o

amaldiçoado mendigo se precipitou em sua direção, estendendo a mão, dizendo com voz demente e abafada:

- Dá prá mim! Prá mim!

Os homens da roda então voltaram a empurrá-lo até jogá-lo longe dali, afugentando uma dezena de pombos que ciscavam pipocas que alguém deixara cair.

O pobre homem já não tinha orgulho a ser ferido, muito menos honra para defender. Mas não por isso deixou de engolir seco e segurar o nó na garganta. Sentiu sede e foi até o lago artificial acima dos corredores do Metrô Sé, onde havia alguns sem-teto se banhando. Fez uma concha com as mãos, mergulhou-a na água e a trouxe até a boca; repetindo o ato quatro vezes. O suficiente para aliviar sua sede.

Foi tentar a sorte nos calçadões. Vendo que o movimento era bom, sentou-se encostado nas paredes de um prédio qualquer e estendeu sua mão ao vazio, o olhar perdido e um ar de desilusão. As pessoas que ali passavam, executivos, comerciantes, senhoras bem trajadas, jovens estudantes, consumidores e empresários, todos eram surpreendidos por uma espécie de pavor ao cruzar a frente do mendigo ali prostrado, e nenhum deles saberia dizer o porquê. Alguns eram repelidos pelo mau cheiro, outros pela estranheza do olhar desiludido e outros ainda pela posição em que ele se sentara: as pernas dobradas como se estivesse agachado, com as mãos entre elas, o pescoço e as costas curvados para frente.

Não houve alma que lhe desse dinheiro algum, mas ele já o sabia desde o começo. Não havia esperança em seu olhar, e ele começa então a balbuciar novamente palavras estranhas, com uma sonoridade bizarra, que em nada lembrava uma voz humana; talvez fosse uma das raras ocasiões em que ele falava em idiomas estranhos, extintos e proibidos. Um vendedor ambulante que se alojara ao seu lado o culpou pelo fracasso das vendas do dia ao ver que as pessoas se afastavam para o outro lado da rua afim de evitar o mendigo desumano.

- Você não pode ficar aqui – disse o vendedor – Vamos, dê o fora agora mesmo. Está atrapalhando a todos.

O mendigo inominável o olhou atônito, com a boca aberta, exibindo novamente os dentes pavorosos. O vendedor foi atacado por uma enorme repulsa que o fez recuar e dizer, ainda mais agressivo:

- Vamos, imbecil! Eu mandei sair! Dá o fora! Dá o fora!

O mendigo, que agora mudara sensivelmente de expressão e postura, levantou-se vagorosamente, com certa dificuldade, e, cabisbaixo, andou, descendo a rua que o levaria ao Banco do Brasil, estendendo, eventualmente, a mão para alguns homens alinhados. Nenhum deles pôde evitar a reação incontrolável de desviar e passar o mais longe possível daquilo que não se parecia muito com um ser humano.

Conformando-se com o eminente fracasso, como sempre tem sido desde sabe Deus quando, investiu na coleta de lixo. Encontrou um grande saco preto e percorreu os calçadões, recolhendo todo o lixo deixado pelos transeuntes. Olhar para aquela criatura repugnante recolhendo lixo era asqueroso.

Quando percebeu que o sol já se retirava, dando lugar à noite, voltou para onde deixara seu carrinho, onde passaria a noite. Ali, não seria incomodado por ninguém. Não seria sequer visto. Não conseguiu dinheiro algum para sua caipirinha de fim de tarde. “Ainda bem que não dependo de nada para me alimentar”, pensou ele.

O Sr. Ruscioleli caminhava a passos apressados, irritado com a reunião após o expediente. Olhou para o relógio que marcava 10:15 e ligou para a esposa avisando que chegaria logo. Pegou um atalho pela rua (...) e pensou ter visto alguém familiar.

Pobre Sr. Ruscioleli, não vai dormir esta noite, assim como tem sido desde este dia, em que resolveu se aproximar daquele pavoroso mendigo. Os anos se passam e todas as noites acorda de um pesadelo, dizendo à sua esposa onde mendigos arrastam seus carrinhos e possuem olhar inumano. “Os olhos! Céus, aqueles olhos!”, murmura ele à sua esposa. Talvez devesse procurar ajuda médica, mas quem acreditaria no que ele viu?

O que o Sr. Ruscioleli viu o fez colocar para fora seu mísero almoço. Aquele mesmo mendigo que ele vira em seu horário de almoço, conversando com a lixeira no Metrô da República, estava ali, agachado, em posição de gárgula, curvado sobre seu carrinho de lixo. Ele comia algo ferozmente, e logo o Sr. Ruscioleli concluiu que se tratava de carne crua, provavelmente roubada do açougue. Apenas depois de alguns minutos de observação o Sr. Ruscioleli percebeu que tal carne envolvia um osso grande demais, e que havia muito sangue escorrendo da mesma. O mendigo devorava a carne com rugidos e sons indescritíveis. Foi com um grito incontrolável de horror e repulsa que o Sr. Ruscioleli reconheceu o osso de fêmur humano. O mendigo, agora muito longe da aparência humana, ouviu o grito e virou-se para ele, com o rosto lavado de sangue, expressão canina e os olhos brilhantes e vermelhos. É o demônio, pensou o homem engravatado; o demônio fugido das profundezas do inferno. Percebendo o horror supremo no olhar do Sr. Ruscioleli, a criatura sorriu, maligna e voltou-se para sua refeição canibal. Jogou o fêmur dentro do carrinho de lixo e tirou do mesmo uma cabeça esvaindo sangue. Colocou-a acima de sua cabeça inclinada para trás e deixou que o sangue escorresse dentro de sua boca assombrosamente enorme. Depois, lavou seu corpo inteiro com o sangue da vítima, que o Sr. Ruscioleli reconheceu como uma esmoleira que vivia naquelas ruas há anos.

O Sr. Ruscioleli correu desesperadamente para casa e não pôde dormir, como já foi dito. Ainda com todo o pavor torturando sua mente, foi até a polícia no dia seguinte bem cedo, dizendo ter testemunhado um assassinato e um ato de canibalismo e podia apontar o criminoso. Levou os policiais até o local e apontou-lhes onde o mendigo estava, mas não havia ali uma só mancha de sangue. Também não encontraram o mendigo que conversava com a lixeira. Todos no centro de São Paulo se lembraram de ter visto um mendigo repulsivo e repugnante, como que saído do inferno, a cambalear pelos calçadões, mas ninguém o vira no dia seguinte.